

DISCUTINDO A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DE BORBOREMA-PB POR MEIO DAS ARTES CÊNICAS

Rafaela dos Santos Diniz Freitas¹

Gláucia de Sousa Gomes²

Vivian Galdino de Andrade³

RESUMO

Este artigo discute a educação patrimonial em Borborema/PB, por meio da peça “*Nos trilhos da Great Western*” apresentada no mês de novembro de 2018 durante o “Circuito Raízes do Brejo”. Esta apresentação teatral trouxe como temática a importância da chegada do trem para o desenvolvimento e modernização da cidade, retratando as primeiras décadas do século XX. Elaborada de maneira romantizada, por meio da história de amor de dois personagens verdadeiros, “Mentinha e Benedito”, a peça discute os mitos de origem do município, as concepções de modernização trazidas com a chegada do trem e a mudança do cotidiano que adveio após este evento na cidade. Nosso objetivo é apontar o teatro como uma importante ferramenta de educação patrimonial, que potencializa o sentimento de pertencimento e valorização do que é histórico na cidade. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, é de cunho histórico e documental, e traz como instrumentos de coleta de dados entrevistas realizadas com atores e figurantes, bem como com sujeitos da administração pública da cidade. Norteadas pelos princípios metodológicos da História Oral, bem como pela educação patrimonial, constatamos que a peça teatral potencializou a percepção de uma identidade coletiva em Borborema, valorizando a história e a cultura local por meio das artes cênicas.

Palavras-Chave: Teatro, Educação Patrimonial, Borborema.

ABSTRACT

This article discusses heritage education in Borborema/PB, through the play “*On the Rails of the Great Western*” presented in november 2018 during the “Roots of Brejo Circuit”. This theatrical presentation brought as its theme the importance of the arrival of the train for the development and modernization of the city, portraying the first decades of the twentieth century. Elaborated in a romanticized way, through the love story of two true characters, “Mentinha e Benedito”, the play discusses the myths of origin of the municipality, the modernization conceptions brought with the arrival of the train and the change of daily life that came after this event in town. Our goal is to point out the theater as an important heritage education tool, which enhances the sense of belonging and appreciation of what is historical in the city. This research, with a qualitative approach, is historical and documentary, and brings as data collection instruments interviews conducted with actors and extras, as well as with subjects of the city's public administration. Guided by the methodological principles of Oral History, as well as heritage education, we found that the play enhanced the perception of a collective identity in Borborema, valuing local history and culture through the performing arts.

Keywords: Theater, Heritage Education, Borborema.

Artigo Submetido ao Curso de Pedagogia no dia 17 de outubro de 2019. Aprovado em: ____/____/____.

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba <rafaela.diniz.santus@gmail.com>

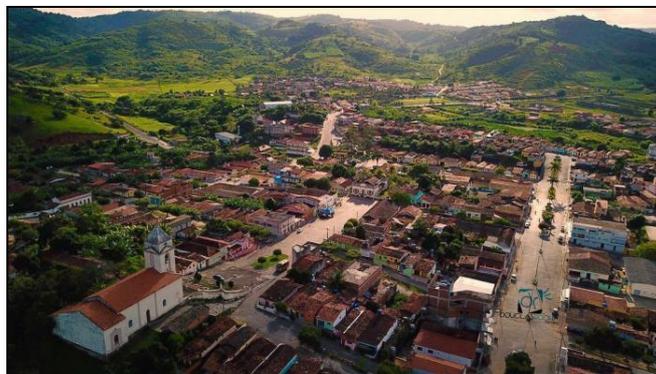
²Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba <glauciagomes95@gmail.com>

³ Professora Orientadora. Mestre e Doutora em Educação. <vivetica@hotmail.com>

1º ATO – "Em Cartaz": introduzindo o tema

Este trabalho de conclusão de curso é fruto de uma pesquisa que toma como base uma peça teatral encenada na cidade de Borborema-PB, durante o mês de novembro de 2018. Lançada no circuito "Raízes do Brejo"⁴, a peça intitulada "Nos trilhos da Great Western" abordava a história de Borborema após a chegada do trem na cidade, e foi por nós concebida - neste trabalho - como um instrumento de educação patrimonial.

Borborema é um município do estado da Paraíba, localizado na região geográfica de imediata de Guarabira. Traz uma população com cerca de 5.263 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, do ano de 2010.



F1-Vista aérea de Borborema.

Fonte: Disponível em domínio público. Acesso em 20/08/2019

A história do município, enquanto cidade é recente, uma vez que sua emancipação data do ano de 1959⁵. Mas o território onde hoje se localiza começou a ser ocupado ainda no ano de 1912, por meio do advogado José Amâncio Ramalho. Pertencente a Bananeiras, Borborema vivenciou diversas fases, adquirindo desde os nomes de Vila de Camucá à Boa Vista. Segundo Leite (2016, p.158)

Na lei que fixou a divisão administrativa do estado da Paraíba, nos anos 1936/37, o nome Borborema designa distrito incorporado ao município de Bananeiras. Um

⁴ Raízes do Brejo – Rota Cultural, é um circuito que tem como objetivo valorizar a cultura local do brejo Paraibano, enfatizando o turismo atraindo inúmeros visitantes durante todo o período de duração do evento.

⁵ Segundo a Lei 2.133 de 18 de maio de 1959. Na Lei 1.198 de 2 de abril de 1955, que fixa a divisão administrativa e judiciária do Estado, destaca que em seu Art. 1º "É criado o município de Borborema. Com seguintes limites: – Município de Bananeiras partindo do ponto onde o riacho Bananeiras penetra em Pirpirituba onde na margem esquerda deste mesmo riacho e por ela seguindo até a cachoeira do roncador; prossegue daí em linha reta até o cruzamento da linha férrea Pirpirituba - Borborema, com a linha férrea no lugar de samambaia, prosseguindo por esta linha férrea até a feclaria do Dr. José Amâncio, onde seguem em linha reta a antiga estação ferroviária de Manitu, continuando desta também em linha reta até encontrar com a divisa do município de Solânea passando entre as casas sedes do engenho Canafistula e Camará". Citação disponível em: <<http://borborema.pb.gov.br/historia/>>.

decreto estadual de 1943 muda sua denominação para Camucá. Retorna a Borborema, através da lei estadual datada de 1948. Com esse nome aparece na nova lei da divisão administrativa publicada em 1950, assim permanecendo até ser transformada em cidade, desmembrando-se de Bananeiras.

Neste mesmo contexto, surge mais dois novos municípios como resultado do desmembramento do território de Bananeiras, seriam eles Solânea (que se emancipa em 1953) e Dona Inês (elevado para município em 1959).

Os feitos que narram os mitos de surgimento da cidade perpassam grandes eventos, como a construção de um açude e de uma hidrelétrica⁶, que até os anos de 1962 forneceram iluminação às cidades de Pilões, Serraria, Solânea, Bananeiras e a própria Borborema. Apesar desta dita modernização, Santos (2016, p.24), aponta que

Contudo, a Vila de Borborema na década de 1950 não apresentava muitos sinais de progresso, não se tinha uma ideia de higiene pública, os relatos orais informam sobre a insalubridade da Vila, a ausência de elementos que possibilitassem maiores cuidados com a saúde da população.

Mesmo com a hidrelétrica, que gerava energia por meio das águas retidas do rio Canafístula:

A Vila de Borborema mostrava-se um lugar mórbido acometido por desastros, oriundos da falta de fiscalização e orientação sanitária. Era comum as pessoas realizarem suas necessidades fisiológicas debaixo das árvores, nas proximidades da casa, ou mesmo atirando no mato ou nas ruas. (SANTOS, 2016, p.23).

Ainda, segundo a autora, "Luz elétrica e fogão a gás eram requisitos de luxo, e se faziam muito distantes da realidade daquelas famílias que ali viviam" (idem, p. 14). O trem chegou a região ainda nos anos de 1913, antes do cenário acima narrado, o que nos levou a deduzir que mesmo consolidando o povoamento que se expandia graças à agricultura, sua chegada não garantiria efeitos tão modernos a Vila de Borborema. Mas é fato que sua chegada simbolizaria, assim como a história de outras cidades paraibanas (a exemplo de Campina Grande), a movimentação urbana, abrindo novas portas para o comércio e para o desenvolvimento econômico do lugarejo.

Esse panorama é o pano de fundo das cenas trazidas pela peça que aqui problematizamos. Tal como o teatro, nos apropriamos de sua linguagem cênica para expor o processo de construção desta investigação, abordando desde nossos "personagens" - sujeitos de pesquisa; aos "trilhos" - caminhos por nós percorridos para os desdobramentos aqui apresentados em forma de narrativa.

⁶ Essa hidroelétrica foi instalada em 1919, e é considerada a primeira construída por alemães em solo brasileiro e a primeira a ser construída no Nordeste.

Como já anunciamos na abertura deste texto, esta pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa, histórica e documental, trazendo os pressupostos metodológicos da educação patrimonial (EP) como embasamento de nossas discussões. A EP é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. É por meio da história de um povo ou lugar que o indivíduo passa a fazer a leitura do mundo que o rodeia, operacionalizando a concepção de uma "alfabetização cultural" como instrumento de compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal que o rodeia (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999).

Para desenvolver esta pesquisa, realizamos quatro entrevistas semiestruturadas⁷, bem como a consulta em documentos históricos. Para resguardar o anonimato desses sujeitos, optamos por nomeá-los de acordo com nomes que figuraram no mundo do teatro nacional e internacional, conforme apresentamos no quadro a seguir:

Quadro1: Sujeitos Entrevistados

| ENTREVISTAS | | |
|----------------------|---------|---|
| Shakespeare | 27 anos | Diretor da Peça. Formado em Dança e Artes Cênicas |
| Miller | 46 anos | Responsável pela Secretaria de Turismo e Cultura |
| Laura Cardoso | 38 anos | Formada em Pedagogia. Responsável pela Secretaria de Educação |
| Bibi Ferreira | 27 anos | Formada em História. Atua em um cargo representativo da gestão no município |

Fonte: Quadro produzido pelas autoras, 2019.

Cada colaborador foi escolhido após analisarmos os vínculos que estabeleciam com o município e com a produção da peça. Dos quatro sujeitos, três estão ligados aos papéis administrativos da atual gestão política do município, enquanto um se configura como autor e diretor da peça concomitantemente. Por meio de suas falas pudemos investigar o processo de confecção da obra, bem como suas finalidades educativas para além da exibição do espetáculo.

Como uma pesquisa histórica documental, nossas fontes consultadas foram:

Quadro 2 - Fontes consultadas

| LIVROS DE MEMÓRIA | FOTOS |
|---|---|
| Gente do passado, fatos do presente. (Ramalho Leite, 2016) | Fotografias publicadas no Instagram da prefeitura de Borborema ⁸ |

⁷ Para cada entrevistado foi elaborado um instrumento de coleta específico, baseado em sete a dez questões de acordo com a função desempenhada por cada um na produção da peça. As entrevistas foram gravadas e seus nomes tiveram o anonimato assegurado, conforme termo de consentimento livre e esclarecido por eles assinado.

⁸ Disponível no endereço: <<https://www.instagram.com/p/BqHzSgAlFeH/?igshid=quuzdjzsy0ay>>. Acesso em: 01/09/2019.

| | |
|---|--|
| A breve história sobre a Capela de São Sebastião. (Antônio Augusto, 2017) | Vídeos publicados em canais do YouTube, pertencentes a pessoas moradoras de Borborema. |
|---|--|

Fonte: quadro produzido pelas autoras, 2019

O cerne de uma peça é o seu roteiro. Em nossa trajetória de pesquisa, o roteiro da peça narra uma história a parte. Buscamos durante todo o processo de pesquisa ter acesso a esta peça chave, no entanto tanto o autor/diretor da peça quanto a Prefeitura de Borborema, que financiou o projeto, anunciaram que não o possuíam. O autor dizia possuir apenas uma versão digital do texto, que foi perdida; já a Prefeitura da cidade disse nunca ter tido acesso ao documento. Cientes que

A peça de Teatro divide-se em Atos e Cenas. Os Atos se constituem de uma série de cenas interligadas por uma subdivisão temática. As cenas se dividem conforme as alterações no número de personagens em ação: quando entra ou sai do palco um ator. O cerne ou medula de uma peça são os diálogos entre os personagens. Porém, o Roteiro contém mais que isto: através das Rubricas e das Indicações ele traz as determinações indispensáveis para a realização do drama e assim orienta os atores e a equipe técnica sobre cada cena da representação. (Como escrever uma peça, 2019).

Seria pelo roteiro da peça que teríamos todos os desdobramentos das cenas, desde a localização dos personagens, às suas falas e diálogos. As rubricas dizem respeito às indicações de cena, como ela deve está caracterizada. Conseguimos capturar alguns destes instantes vivenciados na peça nos pequenos fragmentos que sobre ela foram divulgados em canais do YouTube⁹ de artistas locais, bem como por meios de fotos que também foram divulgadas em algumas redes sociais¹⁰. Mas de longe estas imagens representariam as análises que poderíamos fazer se tivéssemos o roteiro em mãos.

Foi apenas pela nossa chegada nos centros organizacionais da cidade que toda a administração se deu conta de que não haviam tido o cuidado em deixar nenhum registro sobre a peça apresentada, mesmo tendo sido de tanta importância para a população Borboremense. Através desse fato fica o alerta para os próximos eventos e apresentações, para que fiquem pessoas específicas encarregadas de registrar e armazenar de forma segura todo e qualquer material referente a história da cidade, tendo em vista que não se pode perder ou omitir o patrimônio histórico material móvel da cidade.

⁹ Para vê-los consultar o seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=F1m_n-uY5cU>. Acesso em: 01/09/2019.

¹⁰ Para vê-las consultar o seguinte endereço: <<https://www.instagram.com/p/BqHzSgAlFeH/?igshid=quuzdjzsy0ay>>. Acesso em: 01/09/2019.

2º ATO – "Nosso cenário": um passeio de trem pelas memórias arquitetônicas de Borborema

Como toda narrativa, a peça se configura como uma história encenada. Pautada, muitas vezes, em histórias reais e/ou ficcionais, ela nasce de um roteiro¹¹. A peça que aqui discutimos se propõe a narrar/encenar fatos históricos, fragmentos de um passado que um dia foi vivenciado, para desenvolvê-la todo um processo de pesquisa foi realizado em busca de informações que embasassem a história contada.

O livro de memória "Gente do passado, fatos do presente" (LEITE, 2016) foi uma das principais fontes de pesquisa utilizadas pelo autor para a produção da peça, nele dois textos centralizam Borborema como alvo de suas discussões, intitulados "Boa Vista, Camucá, Borborema" e "Boa Vista, Camucá, Borborema (2)". Narrativas disponíveis em Blogs¹² também fundamentaram a narrativa. Depoimentos orais dos idosos da cidade foram fontes recorrentemente utilizadas para compor o roteiro, possibilitando detalhes acerca do cenário e das vestimentas de época.

Então a peça foi escrita a partir de 3 livros: Gente do passado e fatos do presente de Ramalho Leite, um livro que fala sobre agreste oeste, mas no momento eu não estou lembrado o nome, e alguns escritos de blogs, tipo: o blog de João Erculando, o blog de Andréia que fala sobre Borborema e a monografia de Albaniza, que fala um pouco sobre Borborema. Com esses textos eu fui acumulando coisas e fui organizando, só que quando a gente pega documentos sobre história, nele tem história mais não tem falas. Então eu comecei a misturar e a escrever essa história em personagens, então eu fui colocando voz em personagens que a gente foi criando. (Shakespeare, 2019).

Tal relato ainda deu ensejo a contação da "apaixonante história de Mentinha e seu esposo Benedito", assim coloca Shakespeare ao dizer escrever "uma história da vida real", colocada em cena pelo autor/diretor da obra para imprimir na peça o tom de espetáculo e realidade. Esse tom de real foi reforçado pela própria participação desses personagens na cena que representa o romance. Benedito chega a Borborema para trabalhar na estação de trem, foi assim que conheceu Mentinha, que ajudava sua mãe nas vendas que se localizavam na Estação Ferroviária. Aí se inicia o romance que levou ao casamento naquela mesma época.

¹¹ O Dicionário Online de Português, aponta o roteiro como um "Texto que resulta do desenvolvimento do argumento de um filme, já dividido em planos, sequência e cenas, com as devidas rubricas técnicas, trilha sonora e todos os diálogos".

¹² Como o Blog "A Folha de Borborema" - de João Herculano. Disponível em: <<https://afolhadeborborema.blogspot.com/2016/11/historia-de-borborema-pb.html>>. Acesso em: 01/09/2019.

Hoje estes personagens reais vivem juntos até os dias atuais na cidade de Borborema. Retratando o que viu na peça, diz Bibi Ferreira (2019):

É, eu não tive acesso ao roteiro mas eu sei assim por cima a história que ele encenou, eu acho que foi muito lírica assim, bem romantizada, muito mesmo, eu lembro que tinha uma parte que era dos vendedores afamados, era um pedacinho que era o pessoal que vendia na estação de trem e na encenação era uma coisa bem romantizada, bem alegre, bem brincalhona. De fato, era uma questão comercial, as pessoas compravam fiado obviamente, tinha a questão de perder a mercadoria, tudo isso é uma questão assim que não foi apresentado na peça, só apareceu a partezinha boa, bonita, não mostrou o outro lado da história, não ficou tão distante da realidade, mas foi muito romantizada.

Como uma espectadora que acompanhou desde a produção à confecção da peça -Bibi Ferreira afirma que a história apresentada na peça foi exposta de forma romantizada e lírica, e como tal seleciona fatos em detrimento de outros. Utilizados para compor os cenários que presentificam essas histórias em Borborema, estão os patrimônios arquitetônicos, que replicados em maquete na peça, mas existentes até hoje na cidade, compõe o cenário e pano de fundo da narrativa cênica.

Segundo as narrativas históricas narradas, cravadas também em seu patrimônio arquitetônico, a ocupação das terras onde hoje se localiza o município de Borborema iniciou-se em 1912 com José Amâncio Ramalho. Vindo de Araruna/PB, este senhor buscava novos ares, e ao sediar moradia na então terra de Borborema a denominou como Boa Vista. Em 1943 o pequeno povoado passaria a se chamar Camucá e em 1950 adquiriria o nome de Vila de Borborema.

Ainda em 1922, o senhor Antônio Nogueira, morador da cidade e devoto de São Sebastião, construiu a capela de São Sebastião em concretização da promessa de livrar o vilarejo da peste que atingia a Vila Borborema conhecida como "boubá". Considerada como um "castigo divino", a boubá é assim descrita por Santos (2016, p.14) "A boubá era uma doença proveniente de locais poucos higienizados, características de locais marcados pela falta de saneamento básico. Uma doença que fazia aflorar na pele feridas que acometiam principalmente os pés e as pernas, mas também podiam atingir todo o corpo".

São Sebastião é colocado, na tradição católica, como o santo protetor da humanidade contra a fome, a peste e a guerra, daí a capela ter recebido o seu nome. Já a Igreja Matriz seria possivelmente datada dos anos 20 do séc. XX, marcando a devoção da cidade pela sua padroeira, Nossa Senhora do Carmo. Nesta década e em anos posteriores a morte de crianças atingia elevado número nas estatísticas, pela falta de médicos na região atribuía-se as causas a um mal natural (SANTOS, 2016).

No entanto, Santos (2016) argumenta que a coqueluche e a boubça foram doenças que prosperaram em Borborema, assim como os sintomas da pneumonia e da tuberculose também eram frequentes. Já nos anos de 1950, as crianças que geralmente morriam acometidas por alguma doença "não diagnosticada" tinham suas mortes justificadas pela questão religiosa. Segundo Santos (2016), acreditava-se que no mês de maio, Maria de Nazaré (mãe de Jesus) vinha buscar os anjinhos. Neste contexto, acreditamos que o nome que intitula a Igreja Matriz da cidade tenha sido fruto desta influência religiosa no município.



F2-Igreja de São Sebastião



F3-Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo

Fonte: acervo das autoras, 2019

Esse patrimônio arquitetônico carrega em suas paredes as histórias e memórias da cidade. São monumentos que falam dos tempos áureos de Borborema, de sua economia, de seu cotidiano. Neste contexto, a estação ferroviária de Borborema, existente até os dias de hoje, data de 1913. Desativada em 1968, por ordem do Governo Federal, ela hoje é sede da Prefeitura da Cidade.



F4 - Antiga Estação de Trem
Atual Prefeitura da cidade



F5- antigo armazém da Estação de Trem
Atual Museu da cidade

Fonte: acervo das autoras, 2019

Ainda em 1913 o trem começou a deixar seus passageiros na estação de Camucá (atual Borborema) e depois em Manitu. A "Great Western", nome que intitulou a peça, era a companhia inglesa contratada na época como responsável pela linha ferroviária do município,

porém a mesma abandonou o trecho e não cumpriu com o contrato inicial, datado de 1909. Apenas em 1922, através de um novo contrato, os ingleses se viram obrigados a construir os trechos de linha férrea entre Borborema e a Boca do Túnel, chegando a Bananeiras apenas em 1925 (LEITE, 2016). A população o recebia em festa! O barulho das turbinas mostrava que era hora do comércio, vendia-se de tudo e a cada estação, inúmeras vidas se cruzavam.

Frutos desta história, os patrimônios arquitetônicos de Borborema ainda não são tombados. Segundo Miller, secretário de turismo e cultura da cidade, esse conjunto arquitetônico patrimonial está composto por:

A casa de Josane Aranha, a casa da família Amâncio Ramalho, a casa da família de Sinuca, o prédio da antiga delegacia, que foi o primeiro hotel da cidade, a casa de Maria de Nequinho que é uma casa muito bonita de esquina, a Igreja Matriz, a Igreja de São Sebastião, a casa de Rei, a casa de Zé Sinésio que foi a primeira casa da cidade, o prédio da prefeitura, que hoje está preservado, o museu que antes era o armazém da estação de trem, o túnel que é o segundo em curva do Brasil. (Miller, 2019).

Datadas do século XIX, estas residências refletem a interação das pessoas com os lugares através do tempo, rememorando experiências vividas e por muitas vezes silenciadas nos registros históricos. Estes monumentos, trazidos nas cenas pela peça, hoje emolduram o centro da cidade de Borborema, fazendo referência a um tempo áureo, ainda associado ao seu vínculo de Borborema com a cidade de Bananeiras.

Miller diz ainda que os prédios não são tombados devido à grande burocracia que os órgãos responsáveis exigem. Porém, o tombamento é um ato a ser requerido pelo poder público para assegurar a existência e preservação do bem de valor histórico, cultural, arquitetônico ou ambiental para a população, impedindo assim, que sejam destruídos ou descaracterizados. O Tombamento é uma ação realizada pela União, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mas também acontece em instância Estadual, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP, ou pelas administrações municipais que dispuserem de leis específicas.

Apesar de hoje serem reconhecidos como residências familiares, eles não deixam de apontar a supremacia do poder aquisitivo dos grandes proprietários da região, uma vez que "Em 1950, a então Vila de Borborema possuía uns 1.800 habitantes, sendo que a maioria residia na zona rural e trabalhavam em engenhos e na plantação de agave. A população vivia em modos extremamente rurais; eram em geral pobres, embora sobrecarregados de trabalho" (SANTOS, 2016, p.22)

Apesar de reconhecerem a importância de se preservar o patrimônio, os relatos tecidos pelos nossos colaboradores apontam para a falta de valorização por parte da comunidade para com o patrimônio que as cerca. Acreditamos que os princípios da educação patrimonial quando incorporados como políticas, em ambientes formais e não formais, muito auxiliaria nesta aproximação entre o sujeito e a história que o circunda. Bibi Ferreira (2019) afirma que concebe esta questão do reconhecimento para a valorização do patrimônio por meio de públicos diferentes:

Eu acho que essa questão de pertencimento e conhecimento do que é patrimônio bem dividida por faixa etária. Alguns, acho que a maioria dos jovens compreendem; Já de 25 a 40 anos não compreendem e acho que de 40 a 60 compreendem muito. Porque é de cortar o coração quando eu vejo casas antigas, o pessoal derruba de boa e nem tá ligando, derruba e pronto. As vezes não constrói mais nada no lugar, assim é um patrimônio da cidade que se perde, que se cala, eu vejo que os jovens se atentam para isso, eles percebem. O patrimônio imaterial, mesmo que eles não participem, mas eles valorizam, como é a questão cultural mesmo. Por exemplo, as apresentações de dança, de festividades, mesmo que muitos não participem efetivamente, mas eu vejo que eles compreendem que é importante e os idosos assim de 40 anos acima eles também valorizam, porque é a memória deles, é a vida deles, é um pedaço que se acaba também que eles construíram.

Em Borborema, estas questões têm sido efetuadas por meio do Turismo, a partir de festividades e comemorações associadas a eventos culturais, que abrem a cidade para a visitação. No dia 26 de agosto, deste mesmo ano, o Ministério do Turismo divulgou o novo Mapa do Turismo Brasileiro (2019-2021), e o município de Borborema foi novamente incluído como região turística do Brejo Paraibano¹³. Daí constatarmos uma série de investimentos que divulgam a cidade como mais sede turística na área que compõe o brejo do Estado da Paraíba.

3º ATO - A peça como um recurso de educação patrimonial

A arte tem sido proposta como instrumento fundamental de educação, ocupando historicamente papéis diversos, desde Platão (PCN, 1993, p. 83).

¹³ Publicado no Diário Oficial, como categoria D. Segundo Portaria 39/2017 do MTur, somente municípios classificados entre 'A' e 'D' podem pleitear apoio a eventos geradores de fluxo turístico, junto com mais 16 municípios, entre eles Água Branca, Belém do Brejo do Cruz, Boa Vista, Duas Estradas e Pilões, formando a maior região turística do estado da Paraíba. Informação disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/10765-nove-cidades-paraibanas-crescem-no-mapa-do-turismo-brasileiro.html>>. Acesso em 22/09/2019.

A arte pode estar presente em toda atividade realizada pelo ser humano, desde uma visita ao museu, à concertos musicais, à realização de atividades artísticas como dança, teatro e pinturas. O teatro, dentro deste contexto, tem a função de integrar, socializar ideias e acima de tudo desenvolver aprendizagem de uma maneira simbólica e interativa. Ele afeta a emoções ao lidar com as expressões corporais, levando ao conhecimento de si mesmo e do mundo que nos cerca.

A peça que aqui discutimos e problematizamos nos oferta um bilhete de passagem, um retorno ao passado de Borborema, de forma didática e romantizada, mas também restrita ao tempo, as fontes documentais e as memórias que narraram este evento, ambas atreladas a "reconstituir" em cena um passado áureo para a cidade. Este passado narrado foi legitimado pelo envolvimento da comunidade, que gestou (cada um com sua habilidade) uma parte da peça. Assim nos conta Laura Cardoso (2019), quando cita:

A peça foi muito importante, até por que teve todo o envolvimento de professores, gestores, coordenadores e alunos em torno dessa peça. Durante todo o tempo foi desenvolvido o projeto também nas escolas voltado a história do município, que teve a participação da educação. [...] enquanto acontecia a peça todas as escolas estavam trabalhando, aí envolveu também a agricultura, teve a exploração de tudo que é confeccionado no nosso município, da alimentação, do patrimônio histórico e o resgate das raízes. [...] Se falava da história do município, desde a fundação até os tempos atuais, então a educação teve total apoio, tanto na parte pedagógica do incentivo, a leitura, o resgate, a busca, durante todo esse tempo os alunos fizeram entrevistas com seus pais, avós, eles foram para as ruas pesquisar, saber a origem de cada coisa. Eles ficaram encantados com o trem, eles não sabiam que já tinha existido trem aqui, então quando foi feito a réplica do trem foi um fato histórico na cidade, porque envolveu toda a educação por igual, tanto nessa parte de organização para o evento, porque também teve um grande apoio da Secretaria de Educação como na parte pedagógica, no incentivo, na busca e avaliações também foram feitas em cima disso, porque foi o resgate a cultura do município.

Estes relatos apontam um processo que se deu de envolvimento e aprendizagem antes, durante e após a peça. Tais falas nos levam a associar este cotidiano como frutos de uma educação não-formal, isto é, uma educação que costuma ocorrer fora do sistema formal de ensino, mas que é complementar a ele. Compreendemos a produção da peça como um processo organizado, advindo de um currículo que surge do cotidiano, que impossível de mensurar os resultados da aprendizagem obtida, a reconhece nas práticas e na vivência dos sujeitos que por meio dela se educam. A educação não formal tem como objetivo resgatar, de forma efetiva, valores essenciais para a formação de cidadãos protagonistas de sua própria vida, trazendo para eles a prática da cidadania, apreensão social, profissionalização, reforço escolar, dimensão sociocultural, entre outros. A associação que aqui fizemos, entre educação

não-formal e educação patrimonial, resultou em um casamento rico e salutar. Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.4) descrevem a Educação Patrimonial como uma

[...] metodologia específica [que] pode ser aplicada a qualquer evidência material ou de manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente.

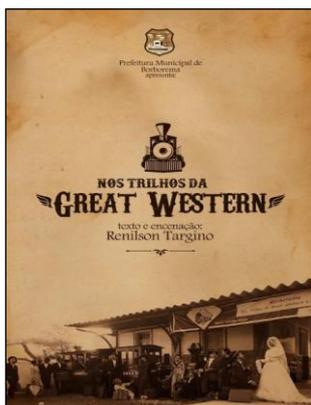
Neste contexto, a associação da Educação Patrimonial como um ato de Educação Não Formal, nos permitiu ver a peça como um recurso didático, que gestou um sentimento de valorização e pertencimento a cultura e a história de um lugar. A peça “*Nos trilhos da Great Western*” (2018) contou com atores e atrizes da própria comunidade local, fruto de um trabalho coletivo que tematizou a história de Borborema por meio da peça teatral. O discurso veiculado pela obra alcançou, numa só linguagem, desde crianças até jovens e adultos, que passaram a conhecer e a se identificar com a história de seu município.

O teatro, assim como outros gêneros, tem o poder de educar, mas também de dar vida a textos, que por meio de um roteiro, aproxima os espectadores de um fato narrado em um período curto no tempo. Além desta educação dos sentidos, o teatro educou o próprio corpo de quem vivenciou a trama. Enquanto um ato educativo, atuou como um recurso de transformação comportamental, direcionando os atores/atrizes a trabalharem a inteligência cenestésica, ou seja, a utilizar o corpo para expressar e desenvolver percepções cognitivas. Ainda nesta direção, os atores/atrizes recorrem ainda à inteligência interpessoal, uma vez que por meios das improvisações, inevitáveis em qualquer encenação, desenvolvem a capacidade de entender e responder adequadamente a estímulos e intenções reveladas no jogo de cena. Sendo assim, o teatro enquanto prática pedagógica insere-se como uma atividade fundamentalmente coletiva, que prima pelo aperfeiçoamento das inteligências dos sujeitos que o desenvolve.

Discutir essa transdisciplinaridade advinda da experiência teatral, nos permite situá-lo como um recurso didático, uma ferramenta de educação, que potencializa a experiência da educação patrimonial.

4º ATO - "*Entrando em cena*"

O espetáculo “*Nos Trilhos da Great Western*” é uma viagem temática pela história da cidade de Borborema, que usando as memórias como trilhos encena seu surgimento e redescoberta como cidade emancipada.



"Tudo começou" em meados de 1912, há 106 anos atrás, quando José Amâncio Ramalho veio de Araruna e adquiriu estas terras de João da Mata Lins Filho, resolvendo desbravá-las. O homem era valente, corajoso e pensava no futuro, logo chamou este pedaço de chão de "Boa Vista", pois eram terras ricas em goiabeiras que encantavam os olhos.

No ano seguinte, este homem tido como "empreendedor", teve a ideia de trazer o trem para a cidade, estimulando o transporte de grandes produtos para outras regiões. Acreditava ele que isso desenvolveria a localidade e traria melhorias ao cotidiano do vilarejo.

F6- Folder de propaganda da Peça.

Fonte: Acervo das autoras, 2019

E assim começa a encenação de *"Nos trilhos da Great Western"* (2018). Desenvolvida em uma hora e trinta minutos de duração, a peça retoma o mito de origem da cidade, por meio da "gloriosa" história de José Amâncio.

A peça foi encenada no dia 20 de novembro de 2018, em ocasião do Circuito Raízes do Brejo e também em comemoração aos 59 anos de emancipação política do município. Reuniu um público diverso da própria cidade e também das cidades circunvizinhas, incluindo os prefeitos representantes de cada município envolvido no Circuito¹⁴. Tal engajamento caracteriza o evento também como um ato político. Pelo sucesso que teve, a peça foi reapresentada em janeiro de 2019.

Parte desta história já é de conhecimento do leitor, mas o que aqui nos interessa é apresentar o processo de confecção desta peça e os sentidos que ela despertou na cidade, compreendidos por nós como princípios de uma Educação Patrimonial.

O projeto que originou a peça surgiu de uma ideia da Secretaria de Ação Social do município, que tinha como objetivo comemorar os 59 anos da cidade. Para que isso acontecesse acreditava que retratar Borborema em seus anos iniciais seria uma forma de valorizar a sua história e despertar o sentimento de pertencimento em seus habitantes.

Nesta concepção, acreditamos que as concepções de "identidade coletiva" e "memória social" ganha novos contornos, uma vez que se percebe um investimento do poder local sobre a constituição e relevo de uma identidade coletiva produzida pela história local. Hartog (2006, p.268) pensando sobre a construção da história das periferias anuncia:

¹⁴ Belém, Alagoinha, Duas estradas, Lagoa de dentro, Serra da Raiz, Borborema, Dona Inês, Pirpirituba e pilõezinhos.

E quando este passado faltava, contribuindo para o mal-estar das periferias ou das cidades-dormitórios, fizeram-no aparecer. Produziu-se lugares de patrimônio urbano para construir a identidade escolhendo uma história, que se torna a história, a da cidade ou do bairro: história inventada, reinventada ou exumada, depois mostrada, em torno da qual se organiza, em todos os sentidos da palavra, a “circulação”.

Nesta perspectiva, para endossar o mito das origens que apresenta uma história para o surgimento da cidade, a peça encena uma narrativa, fruto de uma memória social, que despertará em Borborema o sentimento de pertencimento a uma identidade coletiva e cultural. Sobre estas concepções que gestam a História, a "memória" e a "identidade", são assim definidas por Ferreira (1997, p. 1):

[...] a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto coletiva quanto individual, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Essa construção, porém, não está isenta de mudanças, de negociação e de transformação em função do outro. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, e que se estabelece por meio da negociação direta com os outros. Isto quer dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Desta maneira, concebemos a "memória social" e a "identidade coletiva" como constructos da história local, partícipes e integrantes desta mesma história. Tomando o trem como veículo de modernidade na cidade, a peça incorpora em que não viveu essa familiaridade com o que se passou, elegendo o trem que cortou Borborema como o fato que consagrou a entrada da cidade na historiografia paraibana.



Atores e Atrizes na Maquete do trem

Fonte: <<https://afolhadeborborema.blogspot.com/2018/11/>>

De acordo com os nossos colaboradores, durante a peça o trem ganhou vida, fruto da fumaça artificial e do barulho das turbinas, efeitos especiais que davam a impressão que ele estava prestes a sair deslizando pelos trilhos. Para custear tal empreendimento - a peça - a Prefeitura Municipal de Borborema lançou mão de recursos próprios, financiando os gastos com som, iluminação, maquiagem e vestimentas, além da confecção de maquetes¹⁵ que representavam os pontos turísticos da cidade, que permanecem expostas no museu municipal. Mais de 20 atores e atrizes participaram da peça, atuando de forma voluntária. O cenário onde ela foi apresentada foi a própria estação de trem, que hoje é sede da prefeitura municipal. Sobre a seleção dos personagens e figurantes, assim narra o diretor da peça:

A primeira ideia, foi a agente fazer um espetáculo convidando as pessoas, dizendo se essa pessoa é boa, e a outra opção era fazer um teste. Um teste de elenco e por unanimidade a gente percebeu que se a gente fosse convidar a gente ia excluir muitas pessoas e tem muita gente aqui que só precisa de uma oportunidade. Muita gente que as vezes querem participar dos grupos culturais e não encontram oportunidade. Então seria muito ruim da nossa parte não só convidar as pessoas que a gente achava que é bom. E a gente tem que entender que todo mundo é bom. Só depende de quem dirige e do que a pessoa tanto almeja (Shakespeare, 2019).

Dois personagens iniciavam a trama, anunciando uma história que aconteceu em meados de 1913. Animadas, curiosas e ao mesmo tempo assustadas as duas senhoras imaginavam juntas como seria a Vila Camucá após a chegada do trem. Um turbilhão de pensamentos e sentimentos surgiam nos rumores informais desse evento que se daria na cidade, já que “Maria Xixi e Mariquita” eram conhecidas como “as velhas fofoqueiras de Camucá”. Um narrador contava a história enquanto a peça se delineava frente aos seus espectadores, atualizando o público quanto ao circuito do tempo em que os fatos iam acontecendo.



F7 - Fragmento da Peça.
Fonte: rede social Instagram, 2018.

¹⁵ A réplica do trem foi feita em madeira por um artista da cidade de Borborema, e encontra-se exposta no museu municipal.

Moradores personificados em personagens, caracterizados com vestimentas de época, rememoram - em um tempo linear e cronológico - a história do município durante os anos de 1913 a 1959, anos que demarcam especificamente a chegada do trem e a emancipação do município borboremense.

Além de atores e atrizes, esses sujeitos passaram a ver a peça como uma chave de compreensão da história de Borborema. O relacionamento de Mentinha e Benedito foi o apelo romântico do roteiro, que trouxe como planos de fundo e cenários as residências e prédios, patrimônio arquitetônico da cidade. As fotos abaixo são de cenas da peça, circularam nas redes sociais para promover o evento e convidar o público visitante. O tratamento que receberam endossavam o tempo que a peça iria retratar, juntamente com as vestimentas e o cenário que apresentavam



F8 e F9 - Panfletos de Divulgação da Peça
Fonte: Acervo das autoras, 2019

A figura F8 apresenta os personagens já devidamente caracterizados em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, apontando o desfecho da peça, ou seja, o casamento de Mentinha e Benedito. Já a imagem F9 retrata o momento em que o trem chega a estação, apontando o festejo e a comemoração daquele dia, o bloco "Chiquita Bacana" faz alusão a uma mulher muito animada que trabalhou na Estação de Trem, conhecida por todos da cidade animava o comércio com seus gritos para vender tapioca e cocada.

Com vistas a documentar a saudade e a emoção causada pelo trem, para aqueles que recebiam seus familiares na estação, bem como para aqueles que deles se despediam, a peça criou momentos como os trazidos abaixo:



F9 e F10- Fragmentos da Peça
Fonte: Acervo das autoras, 2019

Para uns a dor da despedida, para outros o glamour e os holofotes da chegada, senhores e senhoras que chegavam ao lugarejo trazendo as boas novas da cidade grande, mas que dele saíam em busca de melhores condições de vida. Assim podem ser pensadas as vidas retratadas nesta peça, que encenou histórias para a cidade de Borborema, mas também gestou novas formas de concebê-la nos moradores da cidade.

Considerações Finais

Sabemos que a atuação do pedagogo vai além dos muros escolares, e que a Educação não formal também nos proporciona conhecimentos significativos podendo contribuir na vida do indivíduo em espaços que não seja apenas a sala de aula e sim, em quaisquer ambientes que proporcione o ensino e a aprendizagem dos participantes.

Como educadores sociais, podemos lançar mão da Educação Patrimonial em ambientes não formais, sendo o teatro e a produção de uma peça recursos em potencial para o desenvolvimento de valores, de princípios, de cultura.

É por meio da História e da memória, juntamente com suas representações materiais - como o patrimônio arquitetônico - que as gerações futuras passam a conhecer o passado que lhes forma. Esses momentos do passado são trazidos a tona por meio de fontes históricas, estas que tal como as memórias edificadas também que precisam ser resguardadas. Tomar o teatro como instrumento de pesquisa, mas também como um recurso didático, nesse trabalho, permitiu-nos a ampliação da concepção de educar, que perpassa os mais diversos meios para gerar a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- PAULINO, Kleber; MAGNO, Toscano. Um olhar elementar sobre a Cidade de Bananeiras - PB. 2007. **Monografia** (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Universidade Federal da Paraíba. Campus de João Pessoa.
- ANTONIO, Carolina Maria. Educação patrimonial: o ensino de artes visuais através da arquitetura do Rio de Janeiro. 58f. **Monografia** (Licenciatura em Artes). Universidade de Brasília, Itapetininga, 2012.
- CEBULSKI, Cristina Márcia. **Introdução à história do teatro no ocidente dos gregos aos nossos dias**. Ed. Unicentro, 2018. Disponível em: <<http://fcs.mg.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/Texto-1.pdf>>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.
- Como escrever uma peça de teatro?** Disponível em: www.desvendandoteatro.com. Acesso em: 21 de setembro de 2019. (s.p.)
- DEVINCENZI, Diego Speggin. Ações de educação patrimonial na UFRGS: a visita guiada teatralizada. **Revista Semina**, V. 14, N.º 2, 2015. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/patrimoniohistorico/wp-content/uploads/2016/10/Diego_Devincenzi_Visita_Guiada_teatralizada_Revista_Semina.pdf>. Acesso em: 28-09-2019.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral, comemorações e ética**. Projeto História. Ética e História oral, São Paulo, n.º 15, p.157-164, abr. 1997. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/518.pdf>. Acesso em: 12/10/2019.
- FERRUGEM, Isabel. Educação, patrimônio e ludicidade: a experiência educativa do setor do patrimônio histórico da universidade federal do Rio Grande do Sul. **Monografia** (Bacharelado em Museologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia hist. [online]**. 2006, vol.22, n.36, pp.261-273. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752006000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12/10/2019.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acessado em 01 de outubro de 2019
- SILVA, Cassio Geovani; GONÇALVES, Regina Célia. Subindo a ladeira: educação patrimonial e ensino de história através da arte, 2016. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/4CCHLADHPROBEX2013355.pdf>>. Acessado em 01 de outubro de 2019
- TEIXEIRA, Simone; VIEIRA, Silvine; MORAES, Allana. A gente também: educação patrimonial e cidadania. **Em Extensão**, Uberlândia, V.5, 2005 - 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/download/20341/10821/0>>. Acessado em 01 de outubro de 2019

ANEXOS:

ANEXO A - TERMOS DE CONSENTIMENTO

AGRADECIMENTOS

1. Rafaela dos Santos Diniz Freitas

É com muita emoção e gratidão que finalizo este trabalho, sou grata primeiramente a Deus que me permitiu chegar até aqui me dando força, sabedoria e persistência para que eu não desistisse no meio do caminho, pois desde o momento em que realizei minha matrícula na disciplina de trabalho de conclusão de curso, minha vida deu um giro de 360 graus, modificando muitos planos e perspectivas de vida.

Sou grata a meu pai Albertino Pereira Diniz, homem de fibra que é e sempre será meu maior exemplo de homem e de ser humano. Nunca mediu esforços para que eu chegasse até aqui, lutou, suou e batalhou para que eu pudesse ter acesso a boas escolas e bons professores me dizendo sempre que a única riqueza que podia me oferecer eram os estudos, e que através deles eu construiria a minha vida. Te agradeço meu pai, pois se estou aqui, é por você. Agradeço a minha mãe Margarida e minhas irmãs Luana, Livia e Letícia pela torcida e apoio durante minha caminhada acadêmica.

Não posso jamais esquecer de minhas colegas de sala que se tornaram grandes amigas e companheiras de vida: Altaniere da Silva Barbosa e Elba Maria Alves de Lima que estiveram comigo do início ao fim do curso, partilhando cada angústia, desespero, correria, madrugadas em claro e também muitas risadas e momentos felizes e engrandecedores. Agradeço ao meu companheiro de sala e esposo Rômulo Tiago da Costa de Freitas por nunca ter me deixado cair, por todo apoio, dedicação e paciência, pela parceria firme que construímos durante o curso e que se estendeu para o resto de nossas vidas se assim Deus nos permitir.

Por último e não menos importante, agradeço a nossa orientadora Vivian Galdino de Andrade por ter se tornado além de professora, nossa amiga para todas as horas, por toda paciência e compreensão que teve conosco e por nos encaminhar tão bem para o fim de nosso percurso no curso de pedagogia, sempre com palavras firmes e confiantes que nos encorajavam e nos fazia crermos que éramos capazes de ir longe. Sempre nos guiando com fé e determinação nossa professora Vivian foi sem dúvida, nossa melhor escolha. Agradeço aos membros da banca por estarem conosco hoje dispostos a contribuir com nosso trabalho e a todos aqueles que direta ou indiretamente fazem parte da minha vida e contribuíram para a construção deste trabalho.

2. Gláucia de Sousa Gomes

É com muita alegria que escrevo esses agradecimentos, pois são vários sentimentos juntos e fica difícil de conter as lágrimas. Tudo se remete a um filme onde perpassa o que vivenciei nesta instituição como também o quanto foi difícil chegar até aqui. E elevo os meus Agradecemos a DEUS e a Nossa Senhora Aparecida, por ter me dado Saúde, Sabedoria, Coragem, Humildade, Esperança e Amor.

Agradeço aos meus pais Francisco Djalma Gomes de Oliveira e Maria José de Sousa Gomes, por estarem sempre ao meu lado me aconselhando e incentivando nessa caminhada acadêmica. Ao meu irmão Glicerinaldo e minha cunhada Josileide, pelo esforço, dedicação e ajuda que precisei e sempre preciso. Ao meu sobrinho Dan Rafael, por ser tão pequeno mais que transmite uma alegria sem fim.

Aos grupinhos “Reino das fofocas e ao Parceiros da Vida” e as minhas amigas Laiane e Aline, por sempre estarmos juntos. Como também a todos os funcionários e ex-funcionários do CCHSA/CAVN, que sempre foram tão gentis comigo, em especial a Prof. Rodrigo pelas caronas e a Toinho por não perdermos os vínculos de amizade. Como também a todos os meus queridos professores do curso de Pedagogia.

Agradeço também a nossa orientadora Vivian Galdino, pela dedicação, paciência e pelas contribuições na construção deste artigo. Muitas vezes achávamos que não iríamos conseguir, e ela com seu coração bondoso, conduzia as palavras da melhor forma, passando sempre segurança, confiança e FÉ. Nossos reconhecimentos aos participantes dessa pesquisa, pois eles foram peças

fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho. Aos membros da banca, por se disporem a colaborar de forma grandiosa com essa pesquisa.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida pessoal e profissional, contribuindo para que eu pudesse chegar até aqui, na partida levarei saudades deixando meus agradecimentos a todos pela ajuda e dedicação. Obrigada nosso Bom Deus!